

A ARTE DO JOGO

CHAD HARBACH

A arte do jogo

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA

E JULIA SOBRAL CAMPOS



Copyright © Chad Harbach, 2011

TÍTULO ORIGINAL
The Art of Fielding

REVISÃO TÉCNICA DOS TERMOS DE BEISEBOL
Erick Nakano

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Ulisses Teixeira

DIAGRAMAÇÃO
editorfarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
H234a

Harbach, Chad

A arte do jogo / Chad Harbach ; tradução de Alexandre
Barbosa de Souza e Julia Sobral Campos. – Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2013.
496p.: 23 cm

Tradução de: The art of fielding
ISBN 978-85-8057-275-9

I. Ficção americana. I. Souza, Alexandre Barbosa.
II. Campos, Julia Sobral. III. Título.

12-7573.

CDD: 813

CDU: 821.111 (73)-3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minha família

Avante, companheiros
Que seus corações nunca fraquejem
Enquanto o valente Harpooner
Detona a bola.

— Grito de guerra da Westish College

Schwartz não reparou no garoto durante o jogo. Ou melhor, só reparou naquilo que todo mundo também percebeu: que ele era o menor jogador em campo, um interbases jovem e magricela, que corria bem, mas não era bom com o bastão. Só depois que a partida acabou, quando o garoto voltou a campo para fazer mais algumas jogadas, Schwartz viu a graça que definia cada movimento de Henry.

Era o segundo domingo de agosto, pouco antes do segundo ano de Schwartz na Westish College, a pequena faculdade localizada na costura da luva de beisebol que o mapa de Wisconsin formava. Ele havia passado o verão em Chicago, sua cidade natal, e seu time, o Legion, ganhara de um bando de garotos do interior de Dakota do Sul na semifinal de um torneio qualquer. As poucas dezenas de pessoas que assistiam ao jogo bateram palmas discretas no último ponto. Schwartz, que vinha se sentindo fraco, com câimbras de desidratação o dia inteiro, tirou a máscara de receptor e arriscou alguns passos hesitantes até o banco de reservas. Tonto, desistiu e caiu sentado no chão, deixando suas imensas costas doloridas descansarem no alambrado. Tecnicamente já era noite, mas o sol ainda castigava com crueldade. Ele jogara cinco partidas desde a noite de sexta-feira, assando feito um besouro naquela roupa preta de receptor.

Seus colegas do time jogaram as luvas no banco e foram para a lanchonete. O jogo do campeonato começaria em meia hora. Schwartz odiava ser o mais fraco, o que estava quase desmaiando, mas era inevitável. Ele tinha se empenhado o verão inteiro: levantava peso toda manhã, turnos de dez horas no ginásio,

beisebol toda noite. E então esse tempo infernal. Ele devia ter faltado ao torneio — os treinamentos de futebol americano na Westish, uma missão muito mais importante, começariam no dia seguinte, ainda de madrugada, corridas suicidas de bermudas e protetores acolchoados. Ele devia estar tirando uma soneca naquele momento, poupando seus joelhos, mas os colegas do time imploraram para que ele ficasse mais. Agora estava preso naquele campo de beisebol decrépito entre um depósito de lixo e uma loja de revistas pornográficas na estrada interestadual na região de Peoria. Se fosse esperto, pularia o jogo do campeonato, dirigiria as cinco horas para o norte até o campus, passaria na enfermaria para tomar soro na veia e dormiria um pouco. Pensar na Westish já o deixava mais calmo. Fechou os olhos e tentou reunir suas forças.

Ele abriu os olhos no momento em que o interbases de Dakota do Sul voltava a campo. Quando o menino passou pelo monte do arremessador, tirou a camisa do uniforme e jogou-a no chão. Usava uma camiseta branca sem mangas por baixo, tinha o peito absurdamente côncavo e era bronzeado como um garoto da roça. Seus braços eram do tamanho dos dedos de Schwartz. Ele havia trocado o boné do Legion por um vermelho esmaecido dos Cardinals de St. Louis. Cachos loiros cinzentos e desgrenhados apareciam por debaixo do boné. Parecia ter catorze, quinze anos no máximo, embora a idade mínima para o torneio fosse dezessete.

Durante o jogo, Schwartz havia percebido que o garoto era pequeno demais para bater alto, por isso ele pedira uma bola rápida atrás da outra, altas e para dentro. Antes da última, ele disse ao menino que a bola viria alta e acrescentou: “Você não vai conseguir acertar mesmo...” O menino tentou e errou, rangu os dentes e virou-se para voltar ao banco, uma longa caminhada. Foi então que Schwartz falou — muito baixo, para que a palavra parecesse ter vindo de dentro da cabeça do próprio garoto — “*Fracote*”. O menino parou, os ombros esqueléticos tensos como os de um gato, mas não se virou. Ninguém nunca se virava.

Quando o garoto tinha alcançado a poeira remexida que marcava a posição do interbases, parou, balançou-se colocando o peso nos dedos dos pés e sacudiu braços e pernas como se precisasse relaxar. Deu chutes, tremeu, girou os braços, gastando uma energia que não devia mais ter. Ele jogara tanto quanto Schwartz naquele calor brutal.

Momentos depois, o técnico de Dakota do Sul foi até o campo carregando um bastão e um balde de tinta de dezoito litros. Colocou o balde ao lado da

home plate e cortou o ar a esmo com o bastão. Outro jogador de Dakota do Sul foi até a primeira base, levando um balde idêntico e bocejando de um jeito mal-humorado. O treinador enfiou a mão no balde, tirou uma bola e mostrou ao interbases, que assentiu com a cabeça e se encolheu agachado, com as mãos posicionadas logo acima da terra.

O menino deslizou na frente da primeira rebatida rasteira, aceitou a bola em sua luva com uma graça preguiçosa, girou e arremessou em direção à primeira base. Embora os movimentos dele fossem lânguidos, a bola pareceu explodir de seus dedos e ganhar velocidade ao cruzar o diamante do campo. Acertou em cheio a luva do jogador da primeira base com o som do disparo de uma arma de fogo. O treinador mandou outra, um pouco mais difícil: a mesma graça tranquila, o mesmo som de tiro. Schwartz, intrigado, ajustou um pouco a postura. O rapaz da primeira base pegava cada arremesso na altura do esterno, sem precisar mexer a luva, e jogava as bolas no balde de plástico que tinha perto dos pés.

O treinador batia cada vez mais forte e cada vez mais para longe — bolas altas no centro, profundas. O menino acompanhava cada uma delas. Várias vezes Schwartz achou que ele precisaria escorregar ou mergulhar, ou que a bola era simplesmente inalcançável, mas ele rebateu todas com tempo de sobra. Não parecia mais rápido do que qualquer outro interbases e, no entanto, chegava instantânea, impecavelmente, como se tivesse um conhecimento prévio da direção que a bola tomaria. Ou como se o tempo passasse mais devagar só para ele.

Depois de cada bola, voltava a se agachar como um felino, as pontas dos dedos de sua pequena luva roçando a terra quente. Ele agarrou uma bola lenta com a mão sem luva e arremessou direto para a primeira. Saltou alto para fazer um arremesso reto com um único desvio. Pingava suor de seu rosto enquanto ele fatiava o ar espesso. Mesmo em velocidade máxima, sua expressão era serena, quase entediada, como um músico fazendo escalas. Devia pesar uns sessenta quilos, no máximo. Por onde andava o pensamento do garoto — se é que estava pensando em alguma coisa por trás do olhar vazio —, Schwartz não saberia dizer. Lembrou-se de um verso de um poema de Robert Lowell da aula de poesia da professora Eglantine: *Inexpressivo, expressa Deus*.

Então o balde do treinador ficou vazio e o do jogador da primeira base ficou cheio, e os três homens saíram do campo sem dizer uma palavra. Schwartz ficou desolado. Ele queria que aquela performance continuasse. Queria rebobinar e assistir de novo em câmera lenta. Olhou à sua volta para ver quem mais

havia assistido àquilo — desejou ao menos o prazer de trocar um olhar com outra testemunha enlevada —, mas ninguém prestava a menor atenção. Os poucos fãs que ainda não tinham ido atrás de uma cerveja ou de sombra olhavam vagamente para as telas de seus celulares. Os companheiros do menino no time perdedor já estavam no estacionamento, fechando as malas dos carros.

Quinze minutos para começar o jogo. Schwartz, ainda tonto, esforçou-se para ficar de pé. Precisaria de dois Gatorades para o último período e, depois, de um café e de um maço de cigarros para encarar a longa estrada à meia-noite. Mas primeiro ele foi até o banco mais afastado, onde o menino arrumava suas coisas. Pensaria no que dizer no caminho. A vida inteira, Schwartz desejou possuir um único talento transcendente, algum brilhantismo especial que o mundo consentiria em chamar de dom. Agora que ele tinha visto esse tipo de talento de perto, não podia deixá-lo escapar.